

“Reativação da economia em...”

Síndica Elterma

9 SET 1983

por Milton Coelho da Graça
de Nova York
(Continuação da 1ª página)

re afirmou que ele não tem apenas o efeito de ajudar a conter a inflação mas, principalmente, ajuda a manter o nível de emprego acima do que ele seria se a situação anterior fosse mantida.

Pastore chegou pela manhã a Nova York e, ainda no aeroporto, esclareceu a “novela” da entrega da carta de intenção do Brasil ao Fundo Monetário Internacional. A carta foi trazida por ele, entregue ao gerente do Banco do Brasil em Nova York, Lino Otto Bohn, que, por sua vez confiou a uma secretária, Sílvia, a histórica tarefa de levar ao FMI o documento que custou vários meses de negociação.

As 11 horas, o presidente do Banco Central foi recebido pelo presidente do comitê assessor, William Rhodes, para uma reunião preliminar. Mais tarde almoçou, ainda na sede do Citibank, e se reuniu com todos os membros (cartoze) do comitê assessor e observadores de vários bancos centrais de países industrializados.

monetária mais flexível sem ser irresponsavelmente expansionista e, com isso, fazer a economia retomar o nível normal de investimento”.

“Não sei de onde ele tirou essa informação”, foi a resposta dada por Pastore quando lhe foi dito que o ministro Murillo Macedo previu um total de 13 milhões de desempregados no próximo ano.

Sobre as garantias de crédito por parte das várias instituições governamentais da Europa e do Japão, que tanto o Eximbank quanto os bancos privados colocam como condição para a aprovação do conjunto do programa, Pastore mostrou-se otimista de que todos os governos entrarão com sua parte. O assunto, segundo ele, será definitivamente acertado na reunião de ministros da Fazenda, que ocorrerá durante a reunião do FMI, no fim deste mês.

Finalmente, sobre o Decreto-lei nº 2.045, Pastore

“Reativação da economia em 1984”

Síndica Elterma

por Milton Coelho da Graça
de Nova York

O programa de ajustamento brasileiro não é necessariamente recessionista, afirmou ontem o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, após a reunião com o comitê assessor dos bancos credores do Brasil, na sede do Citibank. Pastore assegurou aos jornalistas que, “dentro de poucos meses, teremos atingido o fundo do poço; e, em meados de 1984, a economia retomará um curso ascendente”.

Sobre a reunião em si, Pastore pouco revelou, alegando a necessidade de discrição nesta fase de negociação. “Deixamos com eles o programa de ajustamento interno que estamos propondo e as projeções que fizemos das necessidades de recursos.” O Fundo Monetário Internacional (FMI) e os bancos privados têm outras projeções, explicou, “e estamos fazendo reconciliações”. A conversa com os jornalistas durou vinte minutos e seus pontos principais foram os seguintes:

• Um dos principais obje-

tivos do Brasil nas negociações com os banqueiros é chegar ao fim de 1984 com um nível “confortável” de reservas, que Pastore estima em US\$ 5 bilhões.

• A discussão por enquanto se concentra na determinação da quantidade de recursos de que o Brasil necessitará até o fim do próximo ano e nos prazos de liberação desses recursos.

• Ele surpreendeu os jornalistas dizendo que nada sabia do “sinal verde” que o diretor-gerente do Fundo, Jacques de Larosière, daria aos bancos após o recebimento da “carta de intenção” com o objetivo de facilitar a liberação dos recursos do projeto 1, bloqueados desde que o FMI suspendeu o pagamento do crédito “stand by”. Pastore disse que tinha vindo a Nova York para conversar apenas sobre a fase 2 da negociação e que a liberação de recursos da fase 1 não foi discutida.

• Para Pastore, nem um eventual “default” da Venezuela (que o Wells Fargo Bank ameaça declarar na próxima semana), nem a recusa do Congresso ame-

ricano em aprovar o aumento da cota dos EUA no FMI, nem tampouco a eleição presidencial do ano que vem constituem ameaças ou problemas para o programa brasileiro.

• Os banqueiros não demonstraram nenhuma dúvida sobre a capacidade de o Brasil cumprir os dois objetivos fundamentais do programa de ajustamento — zero de déficit do setor público e inflação de 55% em 1984.

• Pastore fugiu de todas as perguntas relacionadas aos atrasos comerciais brasileiros. “O assunto não foi tratado hoje”, “estamos trabalhando para resolver” foram as respostas repetidas sempre que qualquer pergunta era feita sobre a situação dos atrasados.

• “Onde é que dá para apertar mais o cinto?” A essa pergunta, Pastore reagiu como professor de economia, dando uma longa explicação. “Há várias maneiras de se olhar o problema do déficit e uma delas é considerar, de um lado, os gastos e, de outro, a poupança e os investimentos. Vivemos no Brasil um período de taxa cadente de investimentos. E a taxa de

poupança é muito mais cadente. A poupança nacional é hoje da ordem de 14%, enquanto no ano passado era de 20%. Como a política fiscal foi muito expansionista, o governo foi obrigado a seguir uma política monetária contracionista e subiu a taxa real de juros, o que fez com que a poupança caísse. Vamos raciocinar ao contrário. Se cortarmos o déficit fiscal a zero, isto dará lugar a uma política creditícia um pouco mais flexível para o setor privado.” A partir desse raciocínio, Pastore prevê que a taxa real de juros se reduzirá, enquanto se elevará o nível de utilização da capacidade do setor privado. O nível de emprego também subirá e, com isso, se reverterá o que ele chama de “tendência de acodamento da economia por parte do governo”.

“O governo ocupou um grande espaço econômico”, disse, e restringiu o espaço do setor privado, e é isso que está causando o desemprego industrial urbano. A essência da proposição de reduzir o déficit fiscal é que isso dará margem a uma política

(Continua na página 12)